



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

LARISSA SANTANA DE OLIVEIRA

**UMA LEITURA DA CONDIÇÃO FEMININA NO CONTO “MOTO DE MULHER”,
DE JARID ARRAES.**

CAMPINA GRANDE - PB

LARISSA SANTANA DE OLIVEIRA

**UMA LEITURA DA CONDIÇÃO FEMININA NO CONTO “MOTO DE MULHER”,
DE JARID ARRAES.**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ao Coordenação /Departamento do Curso de graduação em Letras - Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Paraíba – Campus I, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Letras.

Área de concentração: Literatura

Orientador: Prof. Dr. Ana Lucia Maria de Souza Neves.

**CAMPINA GRANDE- PB
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

O48u Oliveira, Larissa Santana de.
Uma leitura da condição feminina no conto "Moto de mulher", de Jarid Arraes [manuscrito] / Larissa Santana de Oliveira. - 2023.
18 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2023.
"Orientação : Profa. Dra. Ana Lúcia Maria de Souza Neves , Departamento de Letras e Artes - CEDUC. "
1. Desigualdade de gênero. 2. Condição feminina. 3. Análise literária. I. Título

21. ed. CDD 801.95

LARISSA SANTANA DE OLIVEIRA

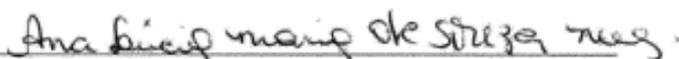
UMA LEITURA DA CONDIÇÃO FEMININA NO CONTO “MOTO DE MULHER”, DE JARRID ARRAES

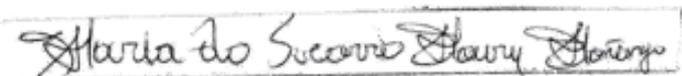
Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ao Coordenação /Departamento do Curso de Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduando em Letras.

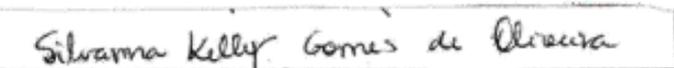
Área de concentração: Literatura

Aprovada em: 01/09/2023.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dra. Ana Lúcia Maria de Souza Neves (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Profa. Dra. Silvana Kelly Gomes de Oliveira
Instituto Federal da Paraíba (IFPB)

Às mulheres DEDICA.

“É pelo trabalho que a mulher vem diminuindo a distância que a separava do homem, somente o trabalho poderá garantir-lhe uma independência concreta.”(Simone Beauvoir)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	A MULHER E ESCRITORA JARID ARRAIS	10
3	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
3.1	Os estudos de gênero e feminismo na literatura: breves considerações.....	15
4	ANÁLISE DO CONTO “MOTO DE MULHER”	15
4.1	Apresentação do livro <i>Redemoinhos em dia quente</i> (2019)	15
4.2	Preconceito contra a mulher em “Moto de Mulher”.....	20
5	CONCLUSÃO	21
6	REFERÊNCIAS	

UMA LEITURA DA CONDIÇÃO FEMININA NO CONTO “MOTO DE MULHER”, DE JARID ARRAES.

Larissa Santana de Oliveira¹

RESUMO

Este artigo analisa o conto “Moto de mulher”, pertencente à obra *Redemoinhos em dia quente* (2019), da escritora contemporânea Jarid Arraes. É notório que a literatura contemporânea de autoria feminina vem nas últimas décadas problematizando a desigualdade entre homens e mulheres na sociedade, denunciando os problemas vivenciados pelas mulheres como assédio sexual, violência sexual e doméstica, desigualdade no mercado de trabalho, dentre outros. O objetivo do trabalho é analisar de que maneira a escritora discute a condição feminina a partir de uma protagonista que desempenha um trabalho tradicionalmente desenvolvido por indivíduo masculino. Ao comprar uma moto e começar a trabalhar como moto táxi a personagem é surpreendida em seu dia a dia com o preconceito da população por duvidarem da sua capacidade de desempenhar o serviço. No que diz respeito ao campo profissional, as mulheres continuam reivindicando igualdade de oportunidades e salários, aspectos discutidos no conto “Moto de mulher”. Nesse sentido, os contos de Jarid Arraes apresentam histórias que subvertem estereótipos femininos tradicionais, gerando reflexões acerca de padrões impostos pelo sistema patriarcal. Para refletirmos criticamente acerca dos aspectos temáticos presentes no conto selecionado, foi utilizada a pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa. Como referencial teórico, recorreremos as contribuições de Zinani (2013) Duarte (2003), Hall (2006), Telles (2010), Perrot (2013), Scott (2011), Bevoir (1980), Piscitelli (2012).

Palavras-chave: Jarid Arraes. Desigualdade de gênero. Condição feminina.

ABSTRACT

This article analyzes the short story "Moto de mulher" from the book *Redemoinhos em dia quente* (2019) by contemporary writer Jarid Arraes. The objective of the work is to examine how the author discusses the female condition through a protagonist who performs a traditionally male job. When she buys a motorcycle and starts working as a motorcycle taxi, the character is confronted with prejudice from the population, who doubt her ability to perform the service. It is evident that contemporary literature by female authors has been problematizing the inequality between men and women in society in recent decades, denouncing issues experienced by women such as sexual harassment, sexual and domestic violence, inequality in the workplace, among others. Regarding the professional field, women continue to demand equal opportunities and salaries, aspects discussed in the short story "Moto de mulher". In this sense, Jarid Arraes' stories present narratives that subvert traditional female stereotypes, generating reflections on standards imposed by the patriarchal system. To critically reflect on the thematic aspects present in the selected short story, qualitative bibliographic research was used. As a theoretical framework, the contributions of Zinani, Duarte, Hall, Telles, Perrot, Scott, Bevoir, and Piscitelli were consulted.

Keywords: Jarid Arraes. Gender inequality. Female condition.

¹ Graduanda em Letras – Língua Portuguesa, pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. E-mail: larissasantana1818@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

A história das mulheres tem revelado que há muitos séculos a figura feminina em diferentes sociedades ocidentais e orientais vem sendo considerada a partir de estereótipos e discriminações, pois a mulher foi obrigada a seguir regras e comportar-se do modo como determinava a sociedade na qual estava inserida. Além disso, durante muito tempo, foram vistas como incapazes de exercer as mesmas funções, ou de terem os mesmos direitos dos homens. Infelizmente, essa situação ainda é uma realidade e uma “herança” que está enraizada na sociedade e que apesar dessa desigualdade de gênero ter alcançado um olhar mais crítico, ainda há muito para ser realizado.

Durante séculos, o espaço da mulher esteve restrito ao ambiente doméstico e suas atividades estavam presas aos afazeres do lar e aos cuidados com os familiares. Eram submissas aos seus pais, irmãos e, com o casamento, aos maridos. Não tinham direitos básicos como ao voto, ao divórcio, à educação e ao mercado de trabalho. Viviam silenciadas, não podiam expressar sobre seus desejos e prazeres, marcadas por estereótipos impostos pela sociedade machista e patriarcal.

Com o surgimento dos movimentos feministas esse cenário começou a modificar. Em busca de igualdade de gênero, as mulheres começaram a lutar de forma significativa por novos lugares na sociedade. Na educação conquistaram o direito à escolarização, importante ferramenta de luta e registro das histórias e conquistas. No mercado de trabalho, puderam exercer outras profissões fora do lar, mas a luta continua ainda hoje pela regulamentação da jornada de trabalho e pelo reajuste do salário, equiparando-o ao recebido pelos homens no exercício das mesmas atividades.

Os estudos de gênero têm demonstrado, ao longo dos anos, mudanças significativas na vida da mulher, ainda que na maioria das vezes as mudanças digam respeito às mulheres brancas e da classe média. Inicialmente, em sociedades como a brasileira, a mulher que era somente dona de casa e mãe, considerada a “rainha do lar”, passou, graças ao acesso à leitura e à escrita, a ocupar lugares, que até então, eram ocupados apenas pela figura masculina, como o magistério, por exemplo. Neste contexto, a mulher vem tornando-se autora de sua própria história, vivenciando deslocamentos e mudanças em uma sociedade marcada pela dominação patriarcalista:

Quando começa o século XIX, as mulheres brasileiras, em sua enorme maioria, viviam enclausuradas em antigos preconceitos e imersas numa rígida indigência cultural. Urgia levantar a primeira bandeira, que não podia ser outra senão o direito básico de aprender a ler e escrever (então reservado ao sexo masculino). [...] E foram aquelas primeiras - e poucas - mulheres que tiveram uma educação diferenciada, que tomaram para si a tarefa de estender as benesses do conhecimento às demais companheiras, e abriram escolas, publicaram livros, enfrentaram a opinião corrente que dizia que mulher não necessitava saber ler nem escrever[...]. (Duarte, Carmo e Luz, 2008, p. 28).

Este deslocamento da dependência para a emancipação pode ser percebido na literatura brasileira produzida por mulheres desde o século XIX, conforme destaca Duarte (2012, p.336-337): “Uma leitura dos textos de nossas primeiras escritoras revela, entre outros aspectos, a consciência da subalternidade e do estado de indigência cultural em que as mulheres viviam.” A estudiosa lembra ainda que escritoras como Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), Francisca Júlia (1871-1920), Maria Sabina (1898-19910) Gilka Machado (1893-1980), dentre outras, tiveram o compromisso de denunciar a situação adversa vivida pelas mulheres, “questionando e propondo novos valores da sociedade moderna capitalista e burguesa [...]”.

Mulheres escritoras que lutaram, cada uma a seu modo, em favor da igualdade de oportunidades e de direitos entre homens e mulheres. Com participação ativa escreveram narrativas, poemas, cartas, ensaios e chamaram a atenção para o protagonismo feminino, fundamental para a construção de uma sociedade mais justa para todos, principalmente, os marginalizados durante séculos como as mulheres.

De acordo com Duarte (2008, p.9), foi na década de 1980 que as pesquisas em torno do tema "Mulher e Literatura" tiveram início nos meios universitários brasileiros. Neste período, "Os congressos e seminários se multiplicavam e, a cada evento, novas pesquisas e novas publicações vinham a público." A estudiosa lembra ainda que as pesquisas imbricavam por três tendências:

[...] uma, que se detinha em investigar a representação da mulher enquanto personagem nos textos literários. Outra, de caráter mais teórico, se encarregava de traduzir e principalmente de propor conceitos e metodologias condizentes com a urgência da temática. E, a terceira, por fim, privilegiava a investigação da mulher enquanto escritora, seja resgatando nomes e obras perdidas no tempo, e fazendo a revisão do cânone literário, seja refletindo sobre a condição da mulher/escritora contemporânea, como sujeito da própria história. (Duarte, 2008, p. 9).

Nesta pesquisa, enveredamos pelo estudo da representação do feminino enquanto personagem no texto literário, sem perder de vista, no entanto, o contexto histórico e cultural que envolve a produção da obra, bem como quem é a autora, de onde ela escreve e o que caracteriza a sua produção. O conto escolhido para esse trabalho relata a história de uma mulher anônima que resolve comprar um moto e trabalhar como "Moto taxi", ao iniciar o seu trabalho se depara com o preconceito feminino, por desempenhar uma profissão que geralmente é desempenhada pelos homens; apesar do preconceito, da inexperiência e do medo da violência, ela permanece desempenhando a função. Característica das obras de Jarid, a mulher como protagonista de sua própria história. Para tanto, recorreremos ao estudo de gênero concebido enquanto instrumento teórico que permite uma abordagem das relações sociais.

A metodologia da pesquisa consistiu na leitura crítico-interpretativa do conto e da coletânea na busca por conhecer como as personagens femininas são construídas e representadas ao longo das narrativas. O trabalho foi orientado pela perspectiva de que, assim como no ensino, a pesquisa em literatura pressupõe a atividade cotidiana da leitura. (AMORIM, 2011, p.59). Leitura que "envolve etapas sucessivas e simultâneas ao mesmo tempo, quais sejam, as atitudes de analisar, de interpretar e de compreender." (AMORIM, 2011, p.68).

De acordo com as especificidades da proposta, escolhemos como modalidade a pesquisa a bibliográfica de cunho qualitativo, abordagem do texto guiou-se pela perspectiva teórico-metodológica da discussão de gênero, recorrendo também às contribuições de elementos da narratologia a fim de elucidarmos questões relativas aos aspectos linguísticos e composicionais da narrativa ficcional. Como objetivo com base em Minayo (2001), centramos na compreensão e explicação dos aspectos que não podem ser quantificados, trabalhando com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes nas coletâneas de contos de Jarid Arraes. Em virtude do tempo exíguo, centraremos o foco no conto "Moto de mulher". O critério determinante para a seleção do corpus foi à participação efetiva da personagem feminina no campo profissional ainda considerado como próprio do masculino.

Nesse sentido, a escrita do artigo seguiu quatro etapas:

1ª Etapa: Leitura do aporte teórico que fundamenta a discussão, bem como dos estudos críticos sobre a escritora Jarid Arraes e as obras que ela vem escrevendo.

2ª Etapa: leitura da coletânea de contos "Redemoinhos em dia quente" (2019) afim de conhecermos as personagens femininas presente na obra com a finalidade de identificar seus perfis (posição social, idade, etnia, ocupação, mobilidade etc) e de escolher um dos contos para a análise mais detida. Nesta etapa, realizamos também um levantamento das temáticas abordadas nos contos.

3ª Etapa: procedemos à leitura crítico-interpretativa do conto selecionado a fim de analisar os conflitos, as táticas e os deslocamentos identitários vivenciados pela personagem feminina.

2 A mulher e escritora Jarid Arraes

Contemporaneamente, muitas são as escritoras que retratam em obras diversas experiências, práticas, “escrevivências” sobre as opressões e marginalizações vivenciadas pelas mulheres. Escritoras como Jarid Arraes podem expressar sua opinião em relação a esses assuntos, fazendo com que a representatividade feminina ganhe mais espaço diante do nosso cenário contemporâneo.

Jarid é uma jovem escritora negra, natural do Juazeiro do Norte e que desde as suas primeiras obras trata do contexto nordestino, negro e feminino. Dentre as obras mais conhecidas estão: “*As lendas de Dandara*” (2015), “*Heroínas negras Brasileiras*” (2017) e, a obra na qual se encontra o conto trabalhado, em “*Redemoinhos dia quente*” (2019), que relata diversas histórias da vida de mulheres comuns, mas colocadas sempre como protagonistas.

No conto selecionado para o presente estudo, observamos que a personagem feminina ainda sofre em decorrência da visão patriarcal, deparando-se com o preconceito por desempenhar uma profissão, que ainda é considerada como masculina. A discussão em torno da profissão da personagem no conto dialoga com a própria vida da escritora que inicia no mundo da letras pelo cordel, gênero que durante muito tempo foi considerado também como atividade masculina.

Jarid nasceu em 12 de Fevereiro de 1991 e desde muito nova teve contato com a literatura recebendo influência do pai e do avô que eram cordelistas e xilogravadores. Jarid cresceu na região Nordeste vendo manifestações regionais e visitando centros culturais que despertou nela a vontade de conhecer novos escritores, como Manuel Bandeira, Drummond de Andrade, Paulo Leminski e tantos outros, fazendo com que percebesse que seu acesso às obras de mulheres e sobre mulheres era precário, Ihe motivou a conhecer e escrever sobre mulheres, sobretudo aquelas que não estão enquadradas no padrão da sociedade privilegiada.

Aos 20 anos começou a escrever no blog “Mulher Dialética” e colaborou em outros blogs escrevendo sobre feminismo, direitos humanos, racismo e sobre Lgbtbs. Autora das obras *Lendas de Dandara* (2015), obra que retoma a época dos Palmares e mescla a fantasia com histórias reais do período de escravidão no Brasil; *Redemoinhos em dia quente* (2019), coletânea de contos, que relata a vida de vários tipos de mulheres, desconstruindo os estereótipos impostos pela sociedade; *Heroínas negras Brasileiras* (2017), coletânea de cordéis, que retrata as histórias de vida de algumas mulheres negras que contribuíram para história do Brasil, como Carolina Maria de Jesus, Antonieta Barros, Tereza de Benguela, entre outras; *Um buraco em meu nome* (2018), livro que expõe o sofrimento e os desejos, que as mulheres guardam em si, além de questionar o machismo e a intolerância. Por fim, sua obra mais recente *Corpo desfeito* (2022), romance que relata como Amanda de apenas 12 anos lida com os abusos de sua vó. Nessa obra Jarid aborda sobre as consequências do abuso psicológico e físico nas crianças. Além dessas obras, a escritora tem mais de 70 cordéis publicados, entre eles alguns infantis como “*A menina que não queria ser princesa*”, “*Bailarina Gorda*” e “*Os cachinhos encantados da princesa*”.

Jarid é de suma importância para a literatura contemporânea, haja vista que, além de ser uma representante feminina dentro da literatura, valoriza a literatura de cordel e aborda em suas obras temas tabus como: racismo, feminismo, machismo, abuso contra a criança. Suas personagens desconstruem estereótipos femininos relatando histórias de mulheres negras e personagens sertanejas em contextos diversos, mostrando outras realidades, diferentes das cristalizadas sobre a mulher nordestina, valorizando a cultura, os costumes, e permitindo que o leitor amplie a visão sobre as mulheres. Além dos aspectos temáticos, as obras de Jarid apresentam inovações no aspecto linguístico, seus textos apresentam traços regionais, ricos em metáforas e sotaques, a sua linguagem torna seus textos ainda mais ricos esteticamente.

No momento atual Jarid mora em São Paulo onde em outubro de 2015 criou o Clube da Escrita para Mulheres, que tem como finalidade despertar e oferecer as mulheres oportunidades de escreverem de forma independente e livre, a partir de encontros com as organizadoras Jarid Arraes e Anna Clara de Vitto. O clube promove reuniões em São Paulo, mas também viaja pelo Brasil. A escritora atua também como colunista da revista “Elle

Brasil”, vencedora de prêmios pela Associação Paulista de Críticos de Arte e pela Biblioteca Nacional, tendo sido também finalista do Jabuti.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 Os estudos de gênero e feminismo na literatura: breves considerações

Os movimentos feministas começaram a surgir em meados do século XIX nos Estados Unidos e na Europa em busca por igualdade de gênero e por melhores condições de vida das mulheres, inicialmente, as brancas e pertencentes à classe média burguesa. Até o início do século XX as mulheres não tinham muitas oportunidades, não tinham acesso aos direitos básicos, que qualquer ser humano deve ter, como a liberdade de expressão, oportunidades no mercado de trabalho e na educação. Até esse período não podiam ler nem escrever, muito menos expor alguma crítica, essas atividades eram restritas ao sexo masculino. A partir do feminismo, as mulheres começaram a se inquietar e lutar pelos seus direitos dentro dessa sociedade “Urgia levantar a primeira bandeira, que não podia ser outra senão direito básico de aprender a ler e a escrever (então reservado ao sexo masculino).” (DUARTE, 2003) O que as mulheres lutaram foi em busca de desigualdade de gênero e foi a partir dos movimentos feministas, que puderam conquistar esses espaços. Essas mulheres começaram a reivindicar por espaço dentro da sociedade patriarcal e machista. Através de manifestos e greves, aos poucos as mulheres vêm conquistando novos espaços, consequência das árduas batalhas das pioneiras. Para compreendermos essa transformação é pertinente estabelecermos uma relação com o discurso que passou por uma:

[...] transformação social, bem como a mudança pessoal, referente à situação da mulher, é perpassada pelo discurso, uma vez que normas e modelos, através dos quais se criam as redes de dominação, são estabelecidos na e pela linguagem. Assim, por meio da desconstrução do discurso patriarcal, a voz da figura feminina passa a ser ouvida, possibilitando-lhe revelar a sua experiência e expressar uma nova ordem social e simbólica, cujos parâmetros desvelam o universo da mulher, com a intenção de projetar uma estética caráter feminino, na medida em que esse universo é representado na literatura, e que pode se converter em elemento influente na transformação dos sistemas de poder existentes. (ZINANI, 2013, p.17)

Neste sentido, Perrot (2013, p.15) considera que:

A história das mulheres mudou. Em seus objetos, em seus pontos de vista. Partiu de uma história do corpo e dos papéis desempenhado na vida privada para chegar a uma história das mulheres no espaço público da cidade, do trabalho, da política, da guerra, da criação. Partiu de uma história das mulheres vítimas para chegar a uma história das mulheres ativas, nas múltiplas interações que provocam a mudança. Partiu de uma história das mulheres para torna-se mais especificamente uma história de gênero, que insiste nas relações entre os sexos e integra a masculinidade. Alargou suas perspectivas espaciais, religiosas, culturais.

Percebemos nas citações, que as autoras relata como as conquistas femininas mudou aos poucos o cenário, em primeiro momento o cenário patriarcal, onde puderam ter voz e reivindicar seus direitos, em segundo a concepção de gênero não apenas como resultado, mas como um conjunto. No Brasil não foi diferente. Muitas mulheres lutaram e continuam lutando para que possam exercer os mesmos direitos que os homens. Nesse sentido, Piscitelli afirma:

Ser mulher de classe alta no Brasil, no início do século 20, pessoinha ser delicada, ficar restrita ao espaço doméstico, ter pouca educação formal, saber bordar e costurar. Assim, elas eram ensinadas a se enquadrar nesse modelo. Hoje em dia, ser mulher pode significar algo bem diferente, e varia muito de acordo com o lugar, a classe social, o momento histórico. (PISCITELLI, 2012, p.124).

A autora destaca na citação dois perfis, o primeiro da mulher do século XX restrita ao lar e aos afazeres domésticos e o da mulher contemporânea que conquistou novos espaços,

variando de acordo com o grupo social a qual pertence. Hoje não existem apenas “Amélias” descrita na música de Ataulfo Alves, de 1942, a mulher que seguia os “padrões perfeitos” em uma sociedade machista, a dona de casa que não fazia exigências, que aceitava tudo e que “achava bonito não ter o que comer” que era considerada como “mulher de verdade” em contraponto a “outra” que era consumista e que não se satisfazia com o “pouco”. Isso nos mostra que a mulher para corresponder padrões sociais, teria que ser submissa e aceitar diversas situações e acreditar que era normal. Mas ao passar dos anos a partir das primeiras manifestações feministas, esse cenário foi mudando, a sociedade foi aceitando e permitindo que aos poucos esse perfil feminino fosse modificado. Beauvoir aborda:

Não somos mais como nossas predecessoras: combatentes. De maneira global, ganhamos a partida. Nas últimas discussões acerca do estatuto da mulher, a ONU não cessou de exigir que a igualdade dos sexos se realizasse completamente e muitas de nós já não vêem que outros problemas nos parecem mais essenciais do que os que nos deixem particularmente respeito; e esse próprio desinteresse permite-nos esperar que nossa atitude será objetiva[...]É impressionante que em seu conjunto a literatura feminina seja menos animada em nossos dias por uma vontade de reivindicação do que por um esforço de lucidez...(BEAUVOIR, 1970, p.21-22).

Assim, os movimentos feministas contribuíram de maneira significativa para o alcance de políticas e condições mais favoráveis pela mulher, através de suas lutas, obtiveram conquistas na política, na educação e no campo de trabalho. Na educação teve como pioneira Dionísia Gonçalves Pinto, pseudônimo Nísia Floresta, que nasceu no Rio Grande do Norte, no século XIX, e foi a primeira mulher no Brasil a publicar em jornais textos sobre os direitos feministas e a imposição machista, além de ser fundadora da primeira escola para meninas no Brasil; o que encorajou as suas sucessoras, permitindo que a mulher contemporânea pudesse ler e escrever, expressar sobre si e sobre seus desejos, inclusive desconstruir o modelo de mulher “Perfeita” que até então eram visto nos livros. Diante disto, o presente artigo enfocou a produção da escritora Jarid Arraes, partindo do pressuposto de que a produção literária de autoria feminina foi, ao longo de séculos, parcialmente silenciada pela tradição cultural patriarcal, o que justifica nossa proposta de apresentar um trabalho que se alie com os movimentos de recuperação e reconhecimento da produção de escritoras no contexto nacional, vinculados aos estudos sobre gênero e literatura.

Além da educação, no mercado de trabalho o feminismo contribuiu abrindo portas para as mulheres, com manifestos e greves, conquistaram a redução da carga horária de trabalho, abolição do trabalho noturno, reforma salarial e livre acesso ao mercado de trabalho, deixando de desempenhar apenas funções têxteis.

No final da década de 1980 é que surgem os estudos de gênero, e ao longo da década seguinte se processa sua consolidação, deslocando o foco de abordagem da biologia para o contexto. O gênero passa a ser entendido como resultado de processos sociais e culturais. Os estudos passaram a mostrar que era por meio destes processos que os papéis sociais atuavam sobre o comportamento das pessoas, originando as diferenças sexuais entre elas.

As novas perspectivas para o estudo de gênero foram apresentadas pela historiadora estadunidense Joan Scott, quando da escrita de seu célebre artigo *Gênero: uma categoria útil de análise histórica* (1995), publicado originalmente em 1986.

Utilizamos a concepção de gênero formulada por Joan Scott (2011), que o entende como um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, sendo assim uma construção social e histórica dos sexos.

Na abordagem adotada, a categoria gênero é concebida numa dimensão relacional, entendendo e tratando “gênero” como o faz Guacira Lopes Louro (1992, p. 57):

[...] Gênero, bem como a classe, não é uma categoria pronta e estática. Ainda que sejam de naturezas diferentes e tenham especificidade própria, ambas as categorias partilham das características de serem dinâmicas, de serem construídas e passíveis de transformação. Gênero e classe não são também elementos impostos unilateralmente pela sociedade, mas com referência a ambos supõe-se que os sujeitos sejam ativos e ao mesmo tempo determinados, recebendo e respondendo às determinações e contradições sociais. Daí advém a importância de se entender o

fazer-se homem ou mulher como um processo e não como um dado resolvido no nascimento. O masculino e o feminino são construídos através de práticas sociais masculinizantes ou feminizantes, em consonância com as concepções de cada sociedade. Integra essa concepção a ideia de que homens e mulheres constroem-se num processo de relação.

A realidade atual mostra que as demandas das mulheres por trabalho, segurança, remuneração justa, educação, cultura continuam denunciando a desigualdade que ainda persiste entre homens e mulheres na nossa sociedade. Diante deste quadro, a literatura contemporânea, produzida por escritores como Jarid Arraes, promove a reflexão sobre esta realidade de maneira estética e crítica.

Elegemos, nesse sentido, o gênero como nossa principal fundamentação teórica, recorrendo às contribuições de estudiosos da área, dentre eles: Perrot (2013), Duarte (2008, 2012), Bevoir(1970), Telles (2010), Zinani(2013), Piscitelli(2012). Além disso, analisamos como se dá a representação da mobilidade do sujeito feminino e a construção de novas identidades ao longo do conto, com base nas ideias de Stuart Hall (1999) e Certeau (1994).

Em continuidade, no mercado editorial, as mulheres também vêm ganhando espaço e sendo reconhecidas pelo seu desempenho. Atualmente podemos encontrar editoras voltadas apenas ao gênero, isso faz com que a sua representatividade seja valorizada, escritoras como Clarice Lispector, Cecília Meireles, Raquel de Queiroz, Conceição Evaristo, Jarid Arraes e tantas outras que ganharam espaço na literatura e hoje sejam conhecidas e estudadas em sala de aula, contribuindo na formação escolar.

Partindo desses estudos sobre a posição da mulher dentro da sociedade, através de uma análise interpretativa buscaremos no conto selecionado “Moto de Mulher”, da obra “*Redemoinhos em dia quente*”, analisar a desconstrução da figura feminina como um ser frágil e submisso, através desse conto que aborda a vida de uma mulher comum, que a qual busca de autonomia desempenha a função de uma moto taxi, ocupando lugar em uma profissão que geralmente é destinada aos homens.

4. Análise do conto “Moto de Mulher”

4.1 Apresentação do livro *Redemoinhos em dia quente* (2019)

Redemoinhos em dia quente (2019) é uma obra que aborda aspectos culturais e interculturais na representação do cotidiano de mulheres simples. Contém no total de trinta contos que relatam histórias de mulheres que vivem na região do Cariri no Nordeste, mulheres que são protagonistas de suas histórias e descrevem o seu cotidiano com forte presença. A obra apresenta também uma linguagem regional e rica em metáforas e símbolos, fazendo com que as histórias passem do realismo cotidiano para o realismo fantástico, atraindo e desafiando o leitor a penetrar no universo vivenciado pelas personagens.

Jarid Arraes traz nos contos uma pluralidade feminina, histórias de lésbicas, de trans, de beatas, de mulheres independentes; desconstruindo a escrita sobre uma mulher “padrão” e buscando mostrar uma visão sobre mulheres comuns. Além disso, a obra nos traz uma crítica social e nos permite uma reflexão ao tratar de temas “tabus” como as crenças religiosas, o machismo, o preconceito contra a mulher, a homofobia...

O conto escolhido centra-se na discursão da mulher no campo profissional. Durante muitos anos coube à mulher apenas as responsabilidades domésticas, cuidados com os filhos e com o marido. A partir de suas lutas, conquistaram alguns direitos, hoje podendo desempenhar diversas atividades profissionais, muitas das quais são consideradas como trabalho masculino. No conto escolhido a personagem atua como uma “mototáxi”, sofrendo muitos preconceitos na localidade onde vive e busca trabalhar.

4.2 O preconceito contra a mulher em “Moto de Mulher”

Jarid apresenta em “Moto de mulher” uma personagem feminina cujo nome não é citado, acentuando a representatividade importante para a mulher moderna. A ausência do nome aponta para o fato de que poderia ser qualquer mulher.

Além da ausência do nome da personagem, outro aspecto importante observado é o fato do foco narrativo estar na primeira pessoa, trazendo a experiência vivenciada pela própria personagem: “Comprei uma Honda vermelha que tava na promoção e sai da loja dirigindo!” (ARRAES, 2019, p. 19).

Após alguns meses a personagem consegue comprar com muito esforço uma moto Honda e com ela sai para trabalhar como mototáxi. Observamos no conto o sentimento de realização e liberdade da personagem ao conseguir a tão sonhada moto:

Comprei uma moto vermelha que estava na promoção e sai da loja dirigindo. Feliz demais, me sentindo que nem uma passarinha trepada na moto. O vento vem direto na cara [...](ARRAES, 2019, p. 19).

A liberdade continua como uma das importantes pautas femininas. Liberdade para trabalhar, amar, ser, contra todas as formas de repressão vividas historicamente. A referência ao pássaro/“passarinha” é muito simbólica na narrativa, pois traz a noção de liberdade e ressalta a força da linguagem/canto como ferramenta de luta, tática, recorrente nos textos de Jarid Arraes. A tática se manifesta por meio da astúcia, pela esperteza de contornar as situações mesmo estando sempre em situação desfavorável. (CERTEAU, 1994).

Em seu primeiro dia de trabalho encontra sua primeira passageira a qual se espanta ao ver que se trata de uma mulher e diz: “Parei e ela me olhou assustada quando chegou perto. Oxe, e é mulher, é?” (ARRAES, 2019, p. 19). Esta passagem do conto mostra que na sociedade o preconceito em relação à mulher parte muitas vezes das próprias mulheres que permanecem presas aos estereótipos e preconceitos.

Esta primeira viagem realizada pela mototaxista é muito rica em simbologias que apontam para os desafios enfrentados pela protagonista do conto pelo simples fato de atuar em uma profissão considerada própria dos homens:

Fui deixar essa mulher tão longe que nem sabia onde era aquilo. Ela foi me ensinando. Parecia que não ia chegar nunca. O sol rachando. [...] fique i tomando coragem para voltar. Não sabia voltar, na verdade. Tinha entrado em tanto rua pequena, em tanto beco, em tanta esquina de cerca. Não tinha uma placa de rua que fosse para eu saber o nome. Fiquei olhando pra todo lado, o celular quase sem sinal. Longe demais, longe de um jeito que nem dez contos pagavam.

Na passagem acima observamos que a descrição dos aspectos físicos do ambiente e do sentimento de estar perdida em um espaço desconhecido (re)velam metaforicamente a situação vivida pela personagem no que diz respeito à escolha profissional. Não é fácil deixar a exclusividade do trabalho doméstico, considerado pela sociedade patriarcalista como próprio das mulheres nos cuidados com a casa, com as crianças e com a alimentação da família e ir trabalhar fora do lar. Se antes eram atribuídos a elas somente os trabalhos domésticos ou de cuidados, como enfermeiras, costureiras, professoras ou cozinheiras, hoje as coisas são bem diferentes. As mulheres estão presentes em praticamente todos os setores do mercado. Muitas já assumem cargos de liderança. Elas estão na política, na engenharia, na ciência e na tecnologia. São protagonistas do próprio negócio, empreendedoras, juízas e doutoras.

E ao ir ao encontro do ponto de moto taxi, para lá conquistar seu espaço, um outro mototaxista, que já estavam no local lhe questiona de maneira preconceituosa:

E, além do mais, nunca tinha visto mototáxi mulher. Isso não ia dar certo. E o perigo? Era perigoso ser mototáxi. Ser mulher mototáxi, então. E a minha moto era pesada, se fosse pelo menos uma Biz. Eu disse que Biz não era moto e que tá bom,

depois eu passava pra falar com Zé. (ARRAES, 2019, p. 19)

Nesse primeiro momento ao buscar espaço com os demais, ela se depara com o preconceito em relação à mulher ao ser excluída daquele espaço e ainda ser considerada como incapaz de exercer tal função, no entanto ela não se deixa levar pela crítica. Podemos refletir como hoje a mulher se opõe ao que é imposto pela sociedade, busca seu espaço independente de agradar ao outro “A história das mulheres mudou. Em seus objetos, em seus pontos de vista” (PERROT, 2007, p.15).

Em continuidade, a mulher moto táxi consegue mais uma viagem dessa vez sem passageiro, apenas para levar uma encomenda para uma fábrica, no meio do percurso, por ser nova na profissão e desconhecer os caminhos, pede ajuda para direcioná-la ao caminho certo a um pedreiro, que lhe aponta uma direção que termina conduzindo-a a um matagal sem saída, fazendo com que ela caia em um buraco: “O pedreiro parou a moto no pezinho e fez cara de riso. E tu é moto táxi, é?” Nesse sentido é como se as mulheres devessem seguir apenas o que os homens as impõe, vemos nesse conto o preconceito diante da escolha profissional da mulher.

Contudo vemos que a mulher descrita no conto é perseverante, como muitas que existem no nosso cotidiano, que busca sua autonomia através da profissão de moto taxi o que não é comum, já que para muitos essa profissão é direcionada aos homens.

A mulher sofre há anos com imposições da sociedade de como se comportar, se vestir, agir. Os contos de Jarid Arraes nos trazem exemplos de “mulheres reais”, que ao longo de suas histórias foram silenciadas pelas imposições da vida e pela figura masculina (pai, irmãos, marido, patrão), mas que com coragem, resolvem falar e agir, tornando-se autoras e protagonistas de suas próprias histórias, assumindo papéis importantes no lugar onde vivem (família, trabalho, campo, cidade). Professoras, fazendeiras, contadoras de história, escritoras, beatas, religiosas, dentre tantas outras, Jarid ilustra nas suas personagens a capacidade metamórfica que as mulheres têm ao exercer diferentes atividades.

Os deslocamentos se tornam evidentes ao longo da narrativa, identificados na análise como resistência ao lugar fixo e aos dizeres autoritários do patriarcalismo, em busca do movimento criativo e participativo, fundamentais na atuação da personagem, responsáveis por mudar os rumos das histórias, buscando sempre a igualdade de gênero.

A história fascina e envolve o leitor pelo caráter humano e poético, integrando a beleza das imagens e a trama subjetiva vivida pela personagem feminina. Para tanto a personagem rompe com a identidade fixa, esperada, determinada pela sociedade para ela. Nessa perspectiva, a identidade de acordo com Hall (2006) é considerada como um processo de formação que permite o deslocamento do indivíduo através do social e cultural, tornando-se uma identidade fragmentada, incompleta, que está sempre em constantes transformações, como também é compreendida como uma identidade cultural, pois fragmenta-se dentre classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, marcada pelo contexto histórico, e não biológico. De forma, que “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas” (HALL, 2006, p.13). Ou seja, a identidade carrega múltiplas identidades, não são fixas, o qual desenvolve novos possíveis sujeitos modernos através dessas mudanças.

As mulheres foram silenciadas e também “excluídas de uma efetiva participação na sociedade, da possibilidade de ocuparem cargos públicos, de assegurarem dignamente sua própria sobrevivência e até mesmo impedidas do acesso à educação superior.” (TELLES, 2010, p.408). Por essa razão, toda carga histórica marcada na mulher durante séculos, reflete a força enfrentada por estarem na condição de mulher, sendo assim, definida por uma herança no espaço privado. Desde o início do século XIX, a demanda de escritoras na literatura brasileira surge através das conquistas e de suas lutas adquirindo seu espaço. Na época, todos os acontecimentos no Brasil e no mundo influenciaram, principalmente, na condição feminina vista pela sociedade e sobretudo:

Se fundava em binarismos e oposições tais como natureza/cultura, pai/mãe, homem/mulher, superior/inferior, que relacionam em última instância a mulher com o outro, a terra, a natureza, o inferior a ser dominado ou guiado pela razão superior e cultura masculina (TELLES, 2010, p.403).

Essa dicotomia europeia refletiu no Brasil, desempenhando uma função cultural que influenciou referências de acordo com Telles (2010), tais como a dominação masculina, o espaço social e direito ao letramento, uma vez que a mulher estava condicionada a cuidar da família, do lar e do esposo e, principalmente, “[...] uma vida de sacrifícios e servidão, uma vida sem história própria” (TELLES, 2010, p.403).

Ainda hoje as mulheres são consideradas como “sexo frágil”, herança ainda do patriarcado são consideradas como incapazes, e por serem consideradas assim, na maioria das vezes são manipuladas e usadas. No desfecho do conto, podemos notar que apesar de muito forte, a personagem principal é enganada por um pedreiro que ela encontra no caminho e pede ajuda,

Entrei na plantação de moto e tudo, sendo que não tinha mais caminho nenhum. Só milho alto. É claro que a moto atolou. Empacou. Não se mexia por nada. Me deu um desespero tão grande que eu comecei a chorar. Fiquei olhando pros milhos, pra terra, pro caminho atrás. Ia ter que virar a moto e empurrar. A moto pesada que só a bixiga, o sol rachando, a sacola pendurada no meu braço. Fiz uma força que eu nem sabia que tinha. Acho que demorei mais de meia hora pra conseguir virar a moto, depois mais dez minutos pra conseguir empurrar a bicha de volta pro caminho. O tempo todo ouvindo o cabinha dizendo que se fosse pelo menos uma Biz. Biz que é moto de mulher. (ARRAES, 2019 p.19)

Nesse trecho selecionado, nota-se que a personagem é direcionada ao caminho com muitos obstáculos, o que torna seu trajeto muito difícil. Ela se encontra em um lugar desconhecido, em meio a plantações, sem comunicação, provavelmente nas margens da cidade, e ainda com a dificuldade de conduzir a moto. Em seguida, ao cair no local e ser socorrida pelo o mesmo que a direcionou ao caminho errado, escuta: “O pedreiro parou a moto no pezinho e fez cara de riso. E tu é mototáxi, é?” Assim como a personagem muitas mulheres passam por situações semelhantes, ainda são consideradas como frágil e incapaz, como aborda BEAUVOUR:

Ora, o que define de maneira singular a situação da mulher é que, sendo, como todo ser humano, uma liberdade autônoma, descobre-se e escolhe-se num mundo em que os homens lhe impõem a condição do Outro. Pretende-se torná-la objeto (...). (BEAUVOUR, 1980, p. 23).

Um aspecto observado no conto também é o medo da personagem em pilotar a moto por lugares desconhecidos, medo da violência que pode sofrer. O mesmo medo que a maioria das mulheres vivencia todos os dias, em decorrência da violência histórica que seus corpos sempre vivenciaram: “Fiquei tomando coragem pra voltar. Não sabia voltar na verdade” (ARRAES, 2019, p.24). A narrativa de Jarid problematiza os preconceitos e as discriminações em relação à mulher, contrapondo-se a estereótipos e a imposição de papéis sociais relacionados a concepções reducionistas do universo feminino.

5. CONCLUSÕES

Analisar o conto “Moto de mulher” possibilitou-nos refletir sobre como ainda se encontra a condição das mulheres no campo profissional nos dias atuais. É notório que apesar de anos de lutas incansáveis por uma igualdade de gênero, as mulheres ainda sofrem com resquícios do passado, em que são consideradas como inferiores ao sexo masculino. A sociedade ainda trata com normalidade o preconceito contra a mulher, permitindo que elas sintam-se inseguras em exercerem papéis destinados aos homens.

Os movimentos feministas e o acesso às discussões sobre o gênero contribuem para que o espaço feminino ganhe um olhar mais humano, permitindo-nos uma reflexão acerca do

preconceito contra a mulher e evitando que pratiquemos.

A obra de Jarid Arraes é rica por abordar a figura feminina em diferentes condições, mostrando-nos que podem ser como elas querem, independente das questões sociais. O conto analisado problematiza os preconceitos e discriminações em relação à mulher no campo profissional, principalmente à mulher que exerce uma atividade considerada como própria do homem. Seus versos apontam a luta diária contra os estereótipos e a imposição de papéis sociais relacionados a concepções reducionistas do universo feminino, presentes em discursos e práticas discriminatórias e excludentes. A narrativa revela o compromisso político com a condição social feminina. A escritora mostra-se como porta-voz das mulheres. Seu texto fala de dor, de injustiça, de violência entre outros.

Assim esse trabalho, junto com a base teórica de estudos, ajuda-nos a compreender esse espaço feminino, como também convida o leitor a refletir e mudar a forma de enxergar o outro e agir no mundo na busca por uma sociedade mais igualitária e humana. Contemporaneamente, as mulheres podem ser protagonistas da sua própria história, podendo vivenciar essas e demais conquistas.

A jovem do conto quer apenas trabalhar na atividade que gosta e sabe fazer, ser moto taxista. No entanto, a todo o momento se depara com atitudes preconceituosas que dificultam a realização do seu ofício. E sua vida se transforma em um verdadeiro labirinto, simbolizado no conto pelas vielas, becos e caminhos ermos nos quais ela se perde e sente medo. O mesmo medo que acompanha as personagens femininas desde os contos clássicos, como “Chapeuzinho Vermelho”, que é desviada do caminho para a casa da vovó pelo “lobo” e depois se torna vítima dele.

Apesar da narrativa de Jarid ocorrer no século XXI, a jovem personagem também é iludida em um dado momento por um personagem masculino a quem ela recorre para pedir informação sobre o lugar onde se encontra. Além de indicar o caminho errado, o homem, ainda rir da personagem.

São contra essas situações de abuso que todos os dias mulheres são vítimas, que a literatura contemporânea de muitas escritoras como Jarid, tematiza. Constituindo-se assim em textos críticos, importantes para a formação política, e humana dos leitores.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **Segundo Sexo**. A experiência Viva. Vol. 2: São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**: 1, Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994

PISCITELLI, Adriana de. **iferentes, igualdades**: Gênero: a historia de um conceito, 2012

DUARTE, Lima de. Estudos Avançados 2003.

DUARTE, Constância Lima. **Os anos de 1930 e a literatura de autoria feminina**. In: WERKEMA, Andrea Sirihal et al **Literatura Brasileira 1930, Belo Horizonte: UFMG, 2012**.

MINAYO, M. C. S. (Org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2001.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução Ângela M. S. Corrêa, São Paulo: Contexto, 2013.

SCOTT, Joan. **História das mulheres**. In: BURKE, Peter. A escrita da história: novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 2011.

TELLES, Norma. **Escritoras, escritas, escrituras**. In: DEL PRIORE, Mary. (Org.). **História**

das Mulheres no Brasil. 9ed. São Paulo: Contexto 2010.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. **Literatura e gênero**: a construção da identidade feminina. Caxias do Sul: EDUCS, 2013.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, pelo dom da vida, pela saúde e por me manter firme diante de todos os obstáculos encontrados ao decorrer dessa caminhada.

Ao meu pai, por está sempre ao meu lado e me apoiar em todas as minhas decisões, por me ensinar a valorizar as pequenas e grandes conquistas.

Agradeço ao meu esposo, pela paciência e companheirismo principalmente nessa reta final, por me motivar e me ajudar a enfrentar todos os meus medos.

Aos meus sobrinhos, por tornarem minha vida mais leve e felizes.

A minha amiga Rayane, colega de curso que sempre esteve presente, agradeço pela lealdade e apoio.

A minha orientadora Ana Lúcia, que além de excelente profissional é um ser humano empático, generoso e paciente, comprometeu-se em ajudar e me conduzir durante a produção deste trabalho, também pela paciência e motivação.

Agradeço a instituição pela oportunidade de conhecer profissionais incríveis, pela assistência e suporte.

Às professoras Silvana Kelly Gomes de Oliveira e Maria do Socorro Moura Montenegro por aceitarem o convite por fazer parte da minha banca.